

UNIDADE 1 – ELEMENTOS DE ARTICULAÇÃO TEXTUAL

MÓDULO 1 – A ARTICULAÇÃO TEXTUAL

01

1 - A MONTAGEM DO TEXTO

Vimos, anteriormente, que para ler e interpretar um texto é preciso dominar os recursos textuais que estabelecem as relações de sentido entre as ideias. Para isso, é preciso entender que a compreensão do texto está relacionada com a relação de sentido das frases e palavras entre si e não meramente com a compreensão das frases. Vamos entender isso de outra forma.

Leia a receita que segue.

BOLO DE ARROZ

3 xícaras de arroz
1 colher (sopa) de manteiga
1 gema
1 frango
1 cebola picada
1 colher (sopa) de molho inglês
1 colher (sopa) de farinha de trigo
1 xícara de creme de leite
Salsa picadinha



Prepare o arroz branco, bem solto. Ao mesmo tempo, faça o frango ao molho, bem temperado e saboroso. Quando pronto, retire os pedaços, desosse e desfie. Reserve.

Quando o arroz estiver pronto, junte a gema, a manteiga e a salsa, coloque numa forma de buraco e leve ao forno. No caldo que sobrou do frango, junte a cebola, o molho inglês, a farinha de trigo e leve ao fogo para engrossar. Retire do fogo e junte o creme de leite. Vire o arroz, já assado, num prato. Coloque o frango no meio e despeje por cima o molho. Sirva quente.

Terezinha Terra. *Todo dia uma delícia*. São Paulo, Ática, 1993. p. 39.

Em geral, uma receita divide-se em duas partes: na primeira, apresentam-se ao leitor os ingredientes necessários para preparar o prato; na segunda, explica-se como ele é feito. Naquela, introduzem-se no texto novos elementos (novos, do ponto de vista da comunicação, são os termos ou informações, que

ainda não apareceram no texto, que estão sendo introduzidos pela primeira vez). Na segunda parte, retomam-se os termos que já foram introduzidos.

Para deixar claro que se trata do arroz, da manteiga, da gema, do frango, da cebola, do molho inglês, da farinha de trigo, do creme de leite e da salsa já referidos, usa-se o artigo definido diante desses substantivos, pois tem ele a função, entre outras, de denotar que aquele termo que ele precede já fora mencionado antes. Assim, quando se diz o frango, o que se está indicando é que é aquele mesmo frango já mencionado na lista de ingredientes. Observe então que as palavras e frases de um texto estão relacionadas entre si. Essa é uma das propriedades que distingue um texto de um amontoado de palavras ou frases.

02



Para entendermos bem as relações de sentido que existem entre as diversas partes, palavras e frases de um texto, vamos retomar os conceitos de coesão e coerência: arraste o conceito ao termo a que ele se refere:

está relacionada à forma, à superfície do texto; em outras palavras, ela é garantida por procedimentos gramaticais.

está relacionada ao conteúdo, aos significados, ao encadeamento das ideias, situações ou acontecimentos que são veiculados em um texto.



Coerência



Coesão

Observe o mapa abaixo:



Este mapa é do centro da cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Podemos identificar no mapa da cidade a presença de elementos destinados a garantir a coesão do tecido urbano. Observe a Praça Raul Soares. O plano urbanístico de Belo Horizonte previu uma grande praça rotatória, que funciona como elemento que liga as principais avenidas da cidade.

Repare que a coesão é elemento essencial a qualquer tipo de texto, pois é ela quem garante as relações entre os elementos em textos de todos os gêneros.

03

Vamos ver como os elementos de coesão funcionam, na prática?

Leia atentamente o texto. Os períodos estão numerados, de 1 a 10, para que você identifique mais facilmente os elementos referidos no exercício.

UM ARGUMENTO CÍNICO

(1) Certamente nunca terá faltado aos sonegadores de todos os tempos e lugares o confortável pretexto de que o seu dinheiro não deve ir parar nas mãos de administradores incompetentes e desonestos. (2) Como pretexto, a invocação é insuperável e tem mesmo a cor e os traços do mais acendrado civismo. (3) Como argumento, no entanto, é cínica e improcedente. (4) Cínica porque a sonegação, que nesse caso se pratica, não é compensada por qualquer sacrifício ou contribuição que atenda à necessidade de recursos imanente a todos os erários, sejam eles bem ou mal administrados. (5) Ora, sem recursos obtidos da comunidade não há policiamento, não há transportes, não há escolas ou hospitais. (6) E sem serviços públicos essenciais, não há Estado e não pode haver sociedade política. (7) Improcedente

porque a sonegação, longe de fazer melhores os maus governos, estimula-os à prepotência e ao arbítrio, além de agravar a carga tributária dos que não querem e dos que, mesmo querendo, não têm como dela fugir - os que vivem de salário, por exemplo. (8) Antes, é preciso pagar, até mesmo para que não faltem legitimidade e força moral às denúncias de malversação. (9) É muito cômodo, mas não deixa de ser, no fundo, uma hipocrisia, reclamar contra o mau uso dos dinheiros públicos para cuja formação não tenhamos colaborado. (10) Ou não tenhamos colaborado na proporção da nossa renda.

VILLELA, João Baptista. *Veja*, 25 set. 1985.

in Para Entender o Texto - Leitura e Redação - Platão & Fiorin, Editora Ática, 1995.



Com base no texto anterior, julgue cada afirmativa como **Verdadeira** ou **Falsa**, arrastando os números para as caixas correspondentes.

01 02 03 04 05 06 07 08 09 10

Suas respostas



verdadeira



falsa

Suas respostas

Acendrado: que se acendrou; cendrado; 1. livre de impurezas (ouro e outros metais preciosos); limpo, puro, purificado, acrisolado; 2. que se purificou, depurado, aperfeiçoado, acrisolado, apurado; 3. pintado ou colorido de cinzento; acinzentado

04

2 - OS ELEMENTOS DE COESÃO

São várias as palavras que, num texto, assumem a função de conectivo ou de elemento de coesão:

- as preposições;
- as conjunções;
- os pronomes;
- os advérbios.

O uso adequado desses elementos de coesão confere unidade ao texto e contribui para a expressão clara das ideias. Cada um deles tem um valor específico, além de ligarem partes do texto, estabelecem entre elas relações diferenciadas. Para perceber algumas dessas relações, leia atentamente o texto.

Um arriscado esporte nacional

Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco, mas esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente. Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional. Cerca de 40% das vendas realizadas pelas farmácias nas metrópoles brasileiras destinam-se a pessoas que se automedicam. A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda "livre" de seus produtos – isto é, das vendas realizadas sem receita médica.

Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio, sem que, necessariamente, faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas. Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas "novas" ou simplesmente para tentar manter a juventude. Qualquer que seja a causa, os resultados podem ser danosos.

É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal leve um brasileiro a ingerir doses insuficientes ou inadequadas de antibióticos fortíssimos, reservados para infecções graves e com indicação precisa. Quem age assim está ensinando bactérias a se tornarem resistentes a antibióticos. Um dia, quando realmente precisar do remédio, este não funcionará. E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma "bomba" na veia, para cortar a gripe pela raiz? Com isso, poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos - tudo isso sem saber dos riscos que corre pela entrada súbita destes produtos na sua circulação.

MEDEIROS, Geraldo. *Veja*. 18 dez. 1985

Fez a leitura? Muito bem! Percebeu que existem inúmeras relações de sentido no texto? Agora vamos, juntos, reconhecer algumas dessas relações estabelecidas pelos elementos de coesão.

e, de, para, com, por, etc.

que, para que, quando, embora, mas, e, ou, etc.

ele, ela, seu, sua, este, esse, aquele, que, o qual, etc.

aqui, aí, lá, assim, etc.

Leia novamente o texto e passe o mouse sobre as palavras destacadas, que são conectivos, para verificar que relação cada um deles estabelece com os demais elementos do texto.

Um arriscado esporte nacional

Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco, mas esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente. Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional. Cerca de 40% das vendas realizadas pelas farmácias nas metrópoles brasileiras destinam-se a pessoas que se automedicam. A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda "livre" de seus produtos – isto é, das vendas realizadas sem receita médica.

Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio, sem que necessariamente, faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas. Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas "novas" ou simplesmente para tentar manter a juventude. Qualquer que seja a causa, os resultados podem ser danosos.

É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal leve um brasileiro a ingerir doses insuficientes ou inadequadas de antibióticos fortíssimos, reservados para infecções graves e com indicação precisa. Quem age assim está ensinando bactérias a se tornarem resistentes a antibióticos. Um dia, quando realmente precisar do remédio, este não funcionará. E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma "bomba" na veia, para cortar a gripe pela raiz? Com isso, poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos – tudo isso sem saber dos riscos que corre pela entrada súbita destes produtos na sua circulação.

MEDEIROS, Geraldo. Veja. 18 dez. 1985.

já que - introduz uma justificativa para o que se disse na oração anterior.

e - liga dois atributos que ocorrem simultaneamente.

um pouco - orienta no sentido da afirmação da propriedade. Opõe-se a *pouco*. Se se dissesse "de médico e louco todos temos pouco", a orientação seria no sentido da restrição da propriedade.

mas - coloca um argumento mais forte em favor do que foi dito: os leigos sempre se automedicam, mas hoje se automedicam mais. Há uma oposição de intensidade entre as duas orações.

tão ... como - é um marcador de comparação: o fenômeno da auto medicação jamais foi tão preocupante como o é atualmente. Embora se trate de um comparativo de igualdade, o advérbio *jamais* nega a existência dessa igualdade e põe à mostra o fato de que o fenômeno hoje é mais preocupante do que era antes.

que – retoma a palavra *pessoas*.

isto é - introduz uma explicação a respeito do que é a venda "livre" dos produtos farmacêuticos.

sem que - indica a exclusão de um fato que poderia constituir um argumento contrário ao que se afirmou anteriormente.

ou - marca uma relação de alternância (e/ou): todos os elementos podem ocorrer, embora não simultaneamente.

E - introduz uma interrogação retórica que retoma a argumentação desenvolvida anteriormente.

tudo isso - é um afirmador de totalidade universal. Retoma os elementos citados no contexto imediatamente anterior: todos os elementos da "bomba" para cortar a gripe são perigosos.

06

Cada elemento responsável pela coesão textual, no interior do texto, serve para "amarrar" duas ou mais ideias. Existem, porém, diferentes tipos dessas “amarras” textuais.



O primeiro desses tipos envolve o estabelecimento de **referências**. Na nossa língua, a classe dos pronomes constitui a principal fonte dessas amarras linguísticas, por poder atuar, como vimos, na substituição de substantivos ou expressões que designam algo já dito anteriormente, ou que será futuramente dito pelo autor do texto. Veja um exemplo:

Baleia é uma cachorra que faz parte da família de Fabiano. Graciliano Ramos personificou-a em sua obra Vidas Secas.

O pronome *a*, no segundo período, retoma o nome Baleia. É importante conhecermos bem o uso dos pronomes, para que, com seu auxílio, estabeleçamos corretamente as referências no interior de um texto. Além disso, precisamos identificar a melhor forma de empregá-los. Para tanto, observe sempre a colocação pronominal.

07

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

É a parte da gramática que trata da correta colocação dos pronomes oblíquos átonos na frase.

Embora na linguagem **falada** a colocação dos pronomes não seja rigorosamente seguida, algumas normas devem ser observadas sobretudo na **linguagem escrita**.

Dica:

Pode ser feita uma ordem de prioridade na colocação pronominal: 1ª tente fazer próclise, depois mesóclise e, em último caso, ênclise.

PRÓCLISE: É a colocação pronominal **antes** do **verbo**. A próclise é usada:

1) Quando o verbo estiver **precedido** de palavras que atraem o pronome para antes do verbo.

São elas:

a) Palavra de **sentido negativo**: *não, nunca, ninguém, jamais, etc.*

Ex.: Não se esqueça que temos reunião na quarta-feira.

Não se faça de desentendido!

b) **Advérbios**.

Ex: Eles admitiram ter visto a cena do crime. **Agora** se negam a depor.

c) **Conjunções subordinativas**.

Ex.: Soube **que** me negariam o trabalho.

d) **Pronomes relativos**.

Ex.: Identificaram duas pessoas **que** se encontravam nos escombros.

e) **Pronomes indefinidos**.

Ex.: Você distribuiu muitos currículos, mas **poucos** te deram a oportunidade.

f) **Pronomes demonstrativos**.

Ex.: **Disso** me acusaram, mas sem provas.

2) Orações iniciadas por **palavras interrogativas**.

Ex.: **Quem** te fez a encomenda?

3) Orações iniciadas por **palavras exclamativas**.

Ex.: Eles se retiraram da reunião. **Quanto** se ofendem por nada!

4) Orações que **exprimem desejo (orações optativas)**.

Ex.: Que essa dificuldade o ajude a encontrar a melhor solução para o futuro.

08

MESÓCLISE: É a colocação pronominal no meio do verbo. A mesóclise é usada: Quando o **verbo** estiver no **futuro do presente** ou **futuro do pretérito**, contanto que esse verbo **não** esteja precedido de palavras que exijam a próclise.

Ex.: Realizar-se-á, na próxima semana, a abertura do 26º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Não fossem os meus trabalhos diários, acompanhar-te-ia nessa busca pela cidade.

ÊNCLISE: É a colocação pronominal depois do verbo. A ênclise é usada quando a próclise e a mesóclise não forem possíveis:

1) Quando o **verbo** estiver no **imperativo afirmativo**.

Ex.: Crianças, quando eu pedir, silenciem-se todos, pois essa aula é importante.

2) Quando o verbo estiver no infinitivo impessoal.

Ex.: Não era minha intenção perder-te.

3) Quando o **verbo iniciar a oração**.

Ex.: Vou-me embora desse país, não tenho chances aqui.

4) Quando houver **pausa antes do verbo**.

Ex.: Se você vier à Brasília, faça-me uma visita.

5) Quando o verbo estiver no **gerúndio**.

Ex.: Ela foi muito gentil colocando-se à disposição dos hóspedes.

Dica:

*O pronome poderá vir **proclítico** (em próclise) quando o **infinitivo** estiver **precedido de preposição ou palavra atrativa**.*

Ex.: Esse sofá é velho. Estou pensando em **não o** levar. / Esse sofá? Estou pensando em **não** levá-lo.

09

Colocação pronominal nas locuções verbais

1) Quando o **verbo principal** for constituído por um **particípio**:

O pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

Ex.: **Tinham-me escolhido** para a entrevista final.

b) Se, antes de **locução verbal**, houver **palavra atrativa**, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

Ex.: **Não me tinham escolhido** entre os candidatos.

Dica:

*Se o verbo auxiliar estiver no **futuro do presente** ou no **futuro do pretérito**, ocorrerá a **mesóclise**, desde que **não** haja antes dele **palavra atrativa**.*

Ex.: **Ter-me-iam escolhido** para o cargo se eu soubesse mais uma Língua.

2) Quando o **verbo principal** for constituído por um **infinitivo** ou um **gerúndio**.

a) Se **não** houver palavra atrativa, o **pronome oblíquo** virá **depois** do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

Ex.: Devo relatar-lhe o ocorrido/ Devo-lhe relatar o ocorrido.

Estavam colocando-me numa posição delicada./ Estavam-me colocando numa posição delicada.

b) Se **houver** palavra atrativa, o **pronome** poderá ser colocado **antes** do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

Ex.: Não posso contar-lhe o ocorrido./ Não lhe posso contar o ocorrido.

Não estavam vigiando-me./ Não me estavam vigiando.

Observações importantes

1) Na literatura já aparece o **pronome átono proclítico** ao verbo principal, pois isso ocorre na **linguagem falada** do Brasil:

Ex: "Você está **me** machucando." (Fernando Sabino)

"Mas aos poucos foi **se** adaptando." (Vivaldo Coaracy)

10

Observações importantes

1) Na literatura já aparece o **pronome átono proclítico** ao verbo principal, pois isso ocorre na **linguagem falada** do Brasil:

Ex: "Você está **me** machucando." (Fernando Sabino)

"Mas aos poucos foi **se** adaptando." (Vivaldo Coaracy)

Emprego de o, a, os, as

1) Em verbos terminados em vogal ou ditongo oral os pronomes **o,a,os,as** não se alteram.

Ex.: Tome seu casaco. Coloque-o agora.

Deixei-a aconchegada em seu leito.

2) Em verbos terminados em **r, s** ou **z**, estas consoantes finais alteram-se para **lo, la, los, las**.

Ex.: (Encontrar) Encontrá-lo é um desafio que me proponho..

(Fiz) Fi-lo porque foi necessário, do contrário não poderíamos viajar.

3) Em verbos terminados em ditongos nasais (**am, em, ão, ãe, õe,**), os pronomes **o, a, os, as** alteram-se para **no, na, nos, nas**.

Ex.: Vistam-no agora, pois está ficando frio.

Onde você deixou a carteira? Põe-na sobre o armário.

Os atletas chegaram. Esperem-nos no saguão.

4) As formas combinadas dos pronomes oblíquos **mo, to, lho, no-lo, vo-lo**, formas em **desuso** (pois fazem parte do português arcaico), podem ocorrer em **próclise, ênclise** ou **mesóclise**.

Ex.: Ele mo deu. (Ele me deu o livro)

O diário? O professor mo devolveu.

Eu vo-lo proíbo a entrada.

Fonte: <http://www.portugues.com.br/sintaxe/colocpro.asp> (Com adaptações). Acesso em março/2008.

11

Observe a frase:

— Adriana gostou do filme? — Ela disse que sim.

No exemplo, o termo “ela” só pode ser recuperado se voltarmos à sentença imediatamente anterior e descobirmos que sua referência é o termo *Adriana*.

A forma mais simples de coesão é aquela em que o elemento pressuposto está verbalmente explicitado e antecede o item coesivo. Esse tipo de pressuposição, que faz referência a algum item previamente explicitado, é conhecido como **anáfora**. Nesse caso, dizemos, então, que o termo “ela” refere-se **anaforicamente** a *Adriana* e que uma relação de coesão foi estabelecida entre os dois termos para garantir a compreensão do texto.

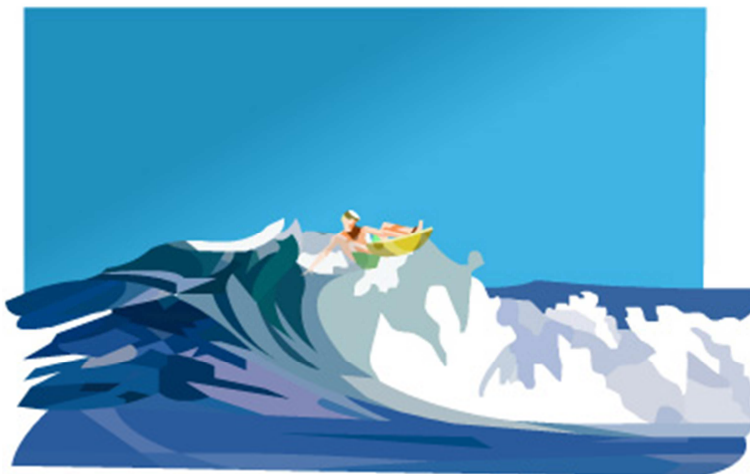
? Vamos exercitar? Complete a lacuna com os pronomes, clicando sobre os termos **grifados**.

A rotina urbana, em hipótese alguma, pode-se comparar com a rotina rural. _____ (**Aquela/Esta/Ela**) é marcada pela calma, pelo silêncio, pela paz. _____ (**Aquela/Esta/Ela**) tem como característica a agitação, o barulho, a desordem.

Digite o texto no campo acima, depois clique sobre o botão resposta.

Resposta

Leia atentamente o texto abaixo:



**Elas estão chamando
Grandes ondas atingem o Havaí e "convidam" os surfistas
mais corajosos a enfrentá-las.**

No enunciado “Elas estão chamando”, o termo “elas” só pode ser recuperado se identificarmos o referente, *grandes ondas*, que aparece depois dele na estrutura. A essa relação de coesão, que ocorre quando o termo pressuposto aparece depois do item coesivo, chamamos **catáfora**. Observe que os itens coesivos referenciais não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, sem que se faça a ligação com os termos a que se referem.

Por meio da anáfora e da catáfora manifesta-se a chamada **coesão referencial**.

? **Vamos exercitar? Complete a lacuna com o pronome, que antecipa o termo grifado.**

O mal foi _____ (**aquilo/este/ele**): criar os filhos como dois príncipes.
(M.T, V, 309)

Resposta

13

Observe o exemplo:

Eduardo trouxe dois *notebooks* dos Estados Unidos. Perguntou-me se eu queria comprar *um*.

Ao se colocar uma palavra, um item **lexical**, com valor coesivo no lugar de outro(s) elemento(s) do texto, ou até mesmo de uma oração inteira, ocorre a **substituição**.

Observe:

- André vai conosco ao supermercado?
- Vai.

Diz-se que ocorre coesão por **elipse** quando algum elemento do texto é substituído por \emptyset (zero) em algum dos contextos em que deveria ocorrer:

- André vai conosco ao supermercado?
- \emptyset (= André) Vai. \emptyset (= conosco ao supermercado)



Vamos exercitar? Complete o período abaixo estabelecendo a coesão por elipse, clique sobre os termos **grifados.**

Os guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia faturaram a soma de 1,5 bilhão de dólares. _____ (**Também fizeram / Perderam também**) algum caixa com extorsões por meio de sequestros.

Resposta

14

Observe os exemplos:

A atriz parecia ansiosa. A **atriz** havia sido vítima de um assalto.

Trata-se de uma coesão resultante do emprego repetido do mesmo item lexical.

Um menino entrou depressa no shopping. O **garoto** parecia estar fugindo.

Nesse caso, a coesão é resultante do uso de um sinônimo.

A *Enterprise* partiu da estação espacial com toda a tripulação.
A **nave** faria mais uma viagem intergaláctica.

Já nesse item, a coesão é resultante do emprego de um hiperônimo. *Nave*, aqui, é o hiperônimo, pois designa um gênero do qual a *Enterprise* é uma espécie.

Os caçadores se assustaram com as enormes pegadas no chão.
Quando olharam na direção da entrada do bosque, viram
a **coisa** escondida atrás dos arbustos.

A coesão, nesse exemplo, é resultante do uso de um nome genérico.

Obtida pela repetição do mesmo item lexical ou pelo uso de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, temos a **reiteração**.

Observe o texto:

Houve um grande **roubo** no Banco Central do Brasil.
Várias **viaturas** transportaram os **bandidos** que foram capturados
para a **delegacia** mais próxima.

No exemplo acima, o recurso coesivo é resultante do uso de termos pertencentes a um mesmo campo semântico, é a **colocação ou contiguidade**.

Esses procedimentos inserem-se na chamada **coesão lexical**. A coesão lexical é o efeito obtido pela seleção de vocabulário.

Hiperônimo: em uma relação entre palavras, hiperônimo é o termo cujo significado é mais genérico (ex.: veículo é hiperônimo de carro). **Hipônimo:** em uma relação entre palavras, hipônimo é o termo cujo significado é mais específico (ex.: carro é hipônimo de veículo).

Lembre-se de que estudamos anteriormente que campo semântico é o conjunto de palavras relacionadas a um mesmo significado. Ex.: o campo semântico referente a circo abrangeria as palavras espetáculo, apresentação, domador, palhaços, bailarina, lona, picadeiro etc.

? Vamos exercitar? Complete as lacunas com vocábulos que correspondam ao termo sublinhado, clique sobre os termos **grifados**.

a Use um termo sinônimo.

Todo **brasileiro** tem o sonho da casa própria. O projeto de garantir um lar para cada _____ (**eleitor**/cidadão/homem) já está sendo traçado pela Caixa Econômica Federal.

Resposta

? Vamos exercitar? Complete as lacunas com vocábulos que correspondam ao termo sublinhado, clique sobre os termos **grifados**.

b Use um termo que estabeleça a relação todo/parte:

O trabalhador encontra dificuldades para exercitar a realidade digital do computador. Assim, é necessário treinar o _____ (**homem**/brasileiro/eleitor) para compreender a realidade da máquina que está diante dele.

Resposta

? Vamos exercitar? Complete as lacunas com vocábulos que correspondam ao termo sublinhado, clique sobre os termos **grifados**.

c Use um termo que estabeleça a relação parte/todo:

O **indivíduo** que apresenta mau comportamento deve ser punido. A eliminação do _____ (**assaltante** / **assassino** / **bandido**) pela morte não é solução, portanto, para reduzir a criminalidade.

Resposta

? Vamos exercitar? Complete as lacunas com vocábulos que correspondam ao termo sublinhado, clique sobre os termos **grifados**.

d Use um termo que estabeleça a coesão por contiguidade semântica:

Os moços, muitas vezes, esquecem que os idosos são fonte de sabedoria. A _____ (**gente** / **humanidade** / **juventude**) precisa, por conseguinte, rever alguns valores.

Digite o texto no campo acima, depois clique sobre o botão resposta.

Resposta

16

Observe, no parágrafo seguinte, o funcionamento dos elementos de coesão:

"Como em um passe de mágica, *voltei* no tempo. Ainda *era* detetive e *estava* à espera dos sequestradores de uma menina. O saco com dinheiro *estava* sobre o banco da praça, como *havia sido* combinado. Os sequestradores *pegariam* o dinheiro e nós os *prenderíamos* em flagrante. Nosso único erro *foi* não ter imaginado que a menina *viesse* junto. *Era* tarde demais para recuar, o tiroteio já *havia começado*."

No exemplo, a utilização adequada das diferentes formas verbais garantiu a continuidade natural da narrativa. A construção foi feita por meio dos mecanismos de manutenção da coesão. Dessa forma, os procedimentos linguísticos que estabelecem relações de sentido entre segmentos do texto (enunciados ou parte deles, parágrafos, e mesmo sequências textuais), garantem a **coesão sequencial**, que fazem o texto progredir.

Um mecanismo bastante usado para produzir as relações de sentido no texto é a ironia. [Clique aqui](#) e leia um fragmento de uma crônica de Eça de Queirós.

No texto, Eça de Queirós satiriza os partidos políticos portugueses de seu tempo, mostrando que suas divergências não são programáticas, mas dizem respeito ao mero jogo do poder. O texto é construído ironicamente.

As expressões *perpétuo antagonismo*, *irreconciliáveis*, *irritadas divergências*, *princípios que os separam*, *desinteligências profundas* etc. devem ser entendidas ao contrário: não possuem eles antagonismos, nem divergências de princípios, nem desinteligências profundas, nem são irreconciliáveis. O que permite entender que, de fato, o que se afirma é negado e que, quando o narrador vai explicitar as diferenças de

posição entre os partidos, o que faz é mostrar identidades programáticas: os quatro são constitucionais, monárquicos, católicos, centralizadores, dão ênfase à economia, e assim por diante.

A ironia mais fina é construída quando, depois de dizer que eles concebem de diversos modos a ideia de liberdade, o cronista mostra que a divergência entre o Partido Histórico e o Regenerador no que tange às liberdades públicas está na posição do adjetivo. Aquele prega o respeito às liberdades públicas, e este, às públicas liberdades.

Há em Portugal quatro partidos: o Partido Histórico, o Regenerador, o Reformista e o Constituinte. Há ainda outros, mas anônimos, conhecidos apenas de algumas famílias. Os quatro partidos oficiais, com jornal e porta para a rua, vivem num perpétuo antagonismo, irreconciliáveis, latindo ardentemente uns contra os outros de dentro de seus artigos de fundo. Tem-se tentado uma pacificação, uma união. Impossível! Eles só possuem de comum a lama do Chiado que todos pisam e a Arcada que a todos cobre. Quais são as irritadas divergências e princípios que os separam? - Vejamos:

O Partido Regenerador é constitucional, monárquico, intimamente monárquico, e lembra nos seus jornais a necessidade da economia.

O Partido Histórico é constitucional, imensamente monárquico, e prova irrefutavelmente a urgência da economia.

O Partido Constituinte é constitucional, monárquico, e dá subida atenção à economia.

O Partido Reformista é monárquico, é constitucional, e doidinho pela economia!

Todos os quatro são católicos.

Todos os quatro são centralizadores.

Todos os quatro têm o mesmo afeto à ordem.

Todos os quatro querem o progresso, e citam a Bélgica.

Todos os quatro estimam a liberdade .

Quais são então as desinteligências? - Profundas! Assim, por exemplo, a ideia de liberdade entendem-na de diversos modos. .

O Partido Histórico diz gravemente que é necessário respeitar as liberdades públicas. O Partido Regenerador nega, nega numa divergência absoluta, provando com abundância de argumentos que o que se deve respeitar são - as públicas liberdades.

A conflagração é manifesta!

Eça de Queirós. *Obras de Eça de Queiros*. Porto, Lello, 1966. v. 3, p.974-5.

17

Vamos verificar se você compreendeu bem os elementos coesivos? Faça o exercício a seguir.

? Julgue cada afirmativa como **Verdadeira** ou **Falsa**, arrastando os números para as caixas correspondentes.

01 02 03 04 05 06 07 08

Suas respostas



Suas respostas

18

3 - TIPOS DE DISCURSO

Outro importante mecanismo de coesão é o emprego adequado dos discursos direto, indireto e indireto livre.

Ao definir os diferentes modos de reproduzir ou de citar o discurso, o autor cria um mecanismo coesivo. Cada tipo de citação assume um papel distinto no interior do texto, e a escolha de um ou de outro, processada pelo narrador, pode revelar suas intenções e sua própria visão de mundo.



Ao escolher o discurso direto, o narrador estabelece um efeito de verdade, fazendo parecer que preservou a integridade do discurso citado e a autenticidade do que reproduziu.

Ao optar pelo discurso indireto, são criados diferentes efeitos de sentido, o que analisa o conteúdo e o que analisa a expressão. O primeiro elimina os elementos emocionais ou afetivos presentes no discurso direto, bem como as interrogações, exclamações ou formas interpretativas, cria um efeito de sentido de objetividade. Com isso o narrador mostra uma distância entre sua posição e a posição do personagem. Esta é a forma preferida nos textos de natureza filosófica, científica, política etc., quando se expõem as opiniões dos outros com a finalidade de criticá-las, rejeitá-las ou incorporá-las.

19

Há, basicamente, três recursos para citar o discurso alheio: **discurso direto**, **discurso indireto**, **discurso indireto livre**. Vejamos um a um.

Discurso direto: para entender esse processo, observemos a seguinte passagem de Machado de Assis em que o narrador primeiro introduz a fala de um alfinete. No caso, o alfinete está tentando persuadir a agulha a deixar de ser tola e a não se dispor mais a ficar abrindo caminho para a linha, que, sem fazer nenhum esforço, borda o tecido, participa de festas e recepções, ao passo que a agulha, que trabalhou, fica sempre fechada em casa dentro de uma caixinha. Em seguida, introduz a fala de um homem.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar a vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária! (Um apólogo.)

Levando em conta os dados que nos interessam, podemos destacar que o narrador está reproduzindo o discurso do alfinete e o do professor de melancolia. Em ambos os casos, ele reproduz a fala dos dois personagens por meio das próprias palavras deles. Tudo se passa como se o leitor estivesse ouvindo literalmente a fala desses personagens em contato direto com eles. Exatamente por isso é que esse expediente se denomina *discurso direto*.

Marcas típicas do discurso direto

O discurso direto apresenta algumas marcas importantes:

a) Vem introduzido por um verbo que anuncia a fala do personagem (“murmurou”, no caso do alfinete; “disse”, no caso do professor de melancolia). Tais verbos costumam ser denominados *verbos de dizer* (dizer, responder, retrucar, afirmar, falar e outros do mesmo tipo).

b) Normalmente, antes da fala do personagem, há dois pontos e travessão.

c) Os pronomes, o tempo verbal e palavras que dependem de situação são usados literalmente, determinados pelo contexto em que se inscreve o personagem: o personagem que fala usa a 1ª pessoa; para falar com o interlocutor, utiliza-se da 2ª pessoa; os tempos verbais são ordenados em relação ao momento da fala e assim por diante.

20

Discurso indireto: vejamos agora o discurso indireto, observando ainda um fragmento de Machado de Assis:

D. Paula perguntou-lhe se o escritório era ainda o mesmo, e disse-lhe que descansasse, que não era nada; dali a duas horas tudo estaria acabado.

Nesse caso, o narrador, para citar a fala de D. Paula (personagem), usa outro procedimento, isto é, ele não reproduz literalmente as palavras de D. Paula, mas usa suas próprias palavras de narrador para comunicar o que D. Paula diz. A fala de D. Paula chega ao leitor por via indireta, isto é, pelas palavras do narrador, e, por isso mesmo, esse expediente denomina-se *discurso indireto*.

Marcas do discurso indireto

a) O discurso indireto também vem introduzido por um *verbo de dizer*.

b) Vem separado da fala do narrador, não por sinais de pontuação, mas por uma partícula introdutória, normalmente a conjunção *que* ou *se*.

c) Os pronomes, o tempo verbal e elementos que dependem de situação são determinados pelo contexto em que se inscreve o narrador e não o personagem: o verbo ocorre na 3ª pessoa, o tempo verbal está em correlação com o tempo em que se situa o narrador, a mesma coisa acontecendo com os advérbios e demais palavras de situação.

Confrontemos o discurso direto com o indireto:

Discurso direto: D. Paula disse: — *Daqui* a duas horas tudo *estará* acabado.

Discurso indireto: D. Paula disse *que dali* a duas horas tudo *estaria* acabado.

Convém notar, por fim, que, na conversão do discurso direto para o indireto, as frases interrogativas, exclamativas e imperativas passam todas para a forma declarativa.

Discurso direto: Ela me perguntou: — Quem *está* aí?

Discurso indireto: Ela me perguntou quem *estava* lá.

21

Discurso indireto livre: vamos ler esse fragmento de Graciliano Ramos em *Vidas secas* que relata o delírio da cachorrinha Baleia à beira da morte.

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente Sinhá Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Nesse fragmento não há indicadores muito evidentes dos limites entre a fala do narrador e a fala do personagem (Baleia). Mas percebe-se que de “E lamperia as mãos de Fabiano” até o fim trata-se do delírio que Baleia está tendo. Pela mudança de tempo verbal e pelo tipo de adjetivos atribuídos aos substantivos (enormes, gordos), podemos pressupor que se trata do “discurso” elaborado pelo personagem e não pelo narrador.

Para esclarecer melhor, confrontemos uma frase do texto com a correspondente em discurso direto e indireto:

Discurso direto: Baleia pensava: O mundo ficará todo cheio de preás, gordos, enormes.

Discurso indireto: Baleia pensava que o mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Discurso indireto livre: O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Como se pode notar o discurso indireto livre corresponde a uma espécie de discurso indireto do qual se excluíram: os verbos de dizer que anunciam a fala do personagem, a partícula introdutória (que, se). No discurso indireto livre conservam-se, na forma interrogativa e imperativa, perguntas, ordens, súplicas ou pedidos. Nele, estão presentes exclamações, interjeições e outros elementos expressivos.

22

Outro tipo de discurso indireto serve para analisar as palavras e o modo de dizer dos outros e não somente o conteúdo de sua comunicação. Nesse caso, as palavras ou expressões realçadas aparecem entre aspas.

Carolina já não sabia o que fazer. Estava desesperada, com a fome encarrapitada. “Que fome! Que faço?” Mas parecia que uma luz existia...

Ao usar o discurso indireto para analisar o modo de falar de um personagem, o narrador o faz para valorizar uma expressão típica do personagem. Nesse caso, o discurso indireto analisa o personagem por meio das formas de falar e manifesta a posição do narrador em relação a elas.

O discurso indireto livre mescla a fala do narrador com a do personagem. Do ponto de vista gramatical, o discurso é do narrador; do ponto de vista do significado, o discurso é do personagem. Por isso, o discurso indireto livre cria um efeito de sentido que fica a meio caminho entre a subjetividade e a objetividade. Nele, são duas vozes que se expressam, a do narrador e a do personagem.

23

Vamos exercitar? Leia atentamente o texto abaixo:

O soldado amarelo

Era um facão verdadeiro, sim senhor, movera-se como um raio cortando palmas de quipá. E estivera a pique de rachar o quengo de um sem-vergonha. Agora dormia na bainya rota, era um troço inútil, mas tinha sido uma arma. Se aquela coisa tivesse durado mais um segundo, o polícia estaria morto. Imaginou-o assim, caído, as pernas abertas, os bugalhos apavorados, um fio de sangue empastando-lhe os cabelos, formando um riacho entre os seixos da vereda. Muito bem! Ia arrastá-lo para dentro da caatinga, entregá-lo aos urubus. E não sentiria remorso. Dormiria com a mulher, sossegado, na cama de varas. Depois gritaria aos meninos, que precisavam de criação. Era um homem, evidentemente.

Aprumou-se, fixou os olhos nos olhos do polícia, que se desviaram. Um homem. Besteira pensar que ia ficar murcho o resto da vida. Estava acabado? Não estava. Mas para que suprimir aquele doente que bambeava e só queria ir para baixo? Inutilizar-se por causa de uma fraqueza fardada que vadiava na feira e insultava os pobres! Não se inutilizava, não valia a pena inutilizar-se. Guardava a sua força.

Vacilou e coçou a testa. Havia muitos bichinhos assim ruins, havia um horror de bichinhos assim fracos e ruins.

Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanalhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.

— Governo é governo.

Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo.

RAMOS. Graciliano. *Vidas secas*. 51. ed. São Paulo. Record. 1983. p. 106-7.

Esse texto é um fragmento de um capítulo de *Vidas secas*. O capítulo relata o encontro de Fabiano com o soldado amarelo, que estava sozinho e perdido no meio da caatinga. Longe dos olhares de qualquer testemunha, era a ocasião ideal para Fabiano vingar-se daquele que o tinha prendido e espancado na cidade. No trecho anterior a esse fragmento, Fabiano está com um facão na mão, e o soldado sente medo, pois pensa que vai ser morto.

QUESTÃO 1

01 No texto, há momentos em que a linguagem focaliza as ações de Fabiano e as reações do soldado amarelo; há passagens em que a linguagem parece brotar de dentro do personagem. Nestas, o narrador continua presente, mas é como se registrasse apenas os pensamentos que passavam pela cabeça do personagem. Que recurso usou o narrador para relatar o que o personagem pensava? Justifique sua resposta.

Digite o texto no campo acima, depois clique sobre o botão resposta.

Resposta

QUESTÃO 2

02 "Agora dormia na bainha rota, era um troço inútil, mas tinha sido uma arma." Por que o facão ora é arma, ora é um troço inútil?

Digite o texto no campo acima, depois clique sobre o botão resposta.

Resposta

Texto: O soldado amarelo

QUESTÃO 3

03 Qual é o modo de citação do discurso de Fabiano na frase "Governo é governo"? Justifique sua resposta.

Digite o texto no campo acima, depois clique sobre o botão resposta.

Resposta

QUESTÃO 4

04 O narrador cita o discurso de Fabiano de dois modos diferentes. Num, mescla sua voz à fala de Fabiano. Noutro, preserva a integridade do discurso do personagem. Por que as vozes do narrador e do personagem se mesclam na primeira parte do texto?

Digite o texto no campo acima, depois clique sobre o botão resposta.

Resposta

QUESTÃO 5

- a** Nas cinco últimas linhas do texto, o narrador relata que Fabiano transformou em subserviência a sua raiva contra o soldado amarelo. Cite a passagem em que a própria fala de Fabiano traduz essa reação de submissão.

Digite o texto no campo acima, depois clique sobre o botão resposta.

Resposta

- b** Nessa altura, o narrador, que até então vinha usando o discurso indireto livre, passa a usar o discurso direto para reproduzir a fala de Fabiano, deixando clara a diferença entre a sua voz e a voz de Fabiano. Qual é a impressão que produz essa dissociação?

Digite o texto no campo acima, depois clique sobre o botão resposta.

Resposta

O soldado amarelo

Era um facão verdadeiro, sim senhor, movera-se como um raio cortando palmas de quipá. E estivera a pique de rachar o quengo de um sem-vergonha. Agora dormia na bainha rota, era um troço inútil, mas tinha sido uma arma. Se aquela coisa tivesse durado mais um segundo, o polícia estaria morto. Imaginou-o assim, caído, as pernas abertas, os bugalhos apavorados, um fio de sangue empastando-lhe os cabelos, formando um riacho entre os seixos da vereda. Muito bem! Ia arrastá-lo para dentro da caatinga, entregá-lo aos urubus. E não sentiria remorso. Dormiria com a mulher, sossegado, na cama de varas. Depois gritaria aos meninos, que precisavam de criação. Era um homem, evidentemente.

Aprumou-se, fixou os olhos nos olhos do polícia, que se desviaram. Um homem. Besteira pensar que ia ficar murcho o resto da vida. Estava acabado? Não estava. Mas para que suprimir aquele doente que bambeava e só queria ir para baixo? Inutilizar-se por causa de uma fraqueza fardada que vadiava na feira e insultava os pobres! Não se inutilizava, não valia a pena inutilizar-se. Guardava a sua força. Vacilou e coçou a testa. Havia muitos bichinhos assim ruins, havia um horror de bichinhos assim fracos e ruins.

Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanalhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme,

perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.
 — Governo é governo.
 Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo.

RAMOS. Graciliano. *Vidas secas*. 51. ed. São Paulo. Record. 1983. p. 106-7.

25

QUESTÃO 6

06 Levando em conta o contexto em que ocorre, a frase "Governo é governo" admite apenas uma das leituras que seguem, clique sobre a opção verdadeira:

- a** Os dois termos têm significados diferentes: o primeiro significa "instituição administrativa", e o segundo indica "instituição que serve para oprimir e que deve ser respeitada".
- b** Os dois termos têm o mesmo significado, por isso a frase de Fabiano é uma mera repetição de termos.
- c** Nessa frase, um termo nada acrescenta ao outro, por isso a repetição não tem cabimento.
- d** Os dois termos têm significados diferentes: o primeiro indica "instituição administrativa", e o segundo indica "instituição que não deve ser levada em consideração".

Resposta

Bem, vimos que os elementos de coesão conferem unidade ao texto e contribuem para a expressão clara das ideias, servem para estabelecer elos, para criar relações entre segmentos do discurso. Cada um deles tem um valor específico, além de ligarem partes do texto, estabelecem entre elas relações diferenciadas, configurando-se como procedimentos linguísticos de coesão sequencial no texto.

26

RESUMO

Uma das propriedades que distingue um texto de um amontoado de palavras ou frases é que estas estão relacionadas entre si.

A coesão é elemento essencial a qualquer tipo de texto, pois é ela quem garante as relações entre os elementos em textos de todos os gêneros.

Cada elemento responsável pela coesão textual, no interior do texto, serve para ligar duas ou mais ideias. São várias as palavras que, num texto, assumem a função de conectivo ou de elemento de coesão: as preposições; as conjunções; os pronomes; os advérbios.

Os elementos de coesão são todas as palavras ou expressões que servem para estabelecer elos, para criar relações entre segmentos de um texto. É importante observar que cada um deles tem um valor típico. Além de ligarem partes do texto, estabelecem entre elas certo tipo de relação distinta.

A forma mais simples de coesão é aquela em que o elemento pressuposto está verbalmente explicitado e antecede o item coesivo: é conhecido como anáfora. Quando o termo pressuposto aparece depois do item coesivo dizemos tratar-se de uma catáfora. Por meio da anáfora e da catáfora manifesta-se a chamada coesão referencial.

Ao se colocar uma palavra, um item lexical, com valor coesivo no lugar de outro(s) elemento(s) do texto, ou até mesmo de uma oração inteira, ocorre a substituição. A reiteração é obtida pela repetição do mesmo item lexical ou pelo uso de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos. Recurso coesivo resultante do uso de termos pertencentes a um mesmo campo semântico é a colocação ou contiguidade. Esses procedimentos inserem-se na chamada coesão lexical, que é o efeito obtido pela seleção de vocabulário.

Os procedimentos linguísticos que estabelecem relações de sentido entre segmentos do texto (enunciados ou parte deles, parágrafos, e mesmo sequências textuais), garantem a coesão sequencial. São os mecanismos de coesão sequencial que fazem o texto progredir.

Com os vários modos de reproduzir ou de citar o discurso alheio (discursos direto, indireto e indireto livre), o autor cria um mecanismo coesivo. Cada tipo de citação assume um papel distinto no interior do texto, e a escolha de um ou de outro, processada pelo narrador, pode revelar suas intenções e sua própria visão de mundo.

27

UNIDADE 1 – ELEMENTOS DE ARTICULAÇÃO TEXTUAL

MÓDULO 2 – O QUE SE FALA E O QUE SE ESCRIVE

1 – IDENTIFICANDO LOCUTOR E INTERLOCUTOR

Até este momento, compreendemos que o texto, enquanto totalidade de ideias e significados, é um processo de comunicação entre dois ou diversos agentes. Isso pode ocorrer nas situações discursivas, mas também em outras formas de comunicação, quando há um direcionamento de informações ou ideias a outro agente.

Observe a foto abaixo.



Agora, sabendo que esta foto é para um anúncio de produto, faça o exercício a seguir.

?

O que você percebe ao ver a foto acima? Marque a(s) opção(ões) INCORRETA(S).

- 1 O anúncio é direcionado a um público masculino, pois os elementos visuais presentes fornecem pistas para se chegar a essa conclusão.
- 2 Pode-se afirmar que o anunciante é o "locutor", ou seja, quem envia a mensagem, e o cliente é o "interlocutor" quem recebe a mensagem.
- 3 Os anúncios nos levam a captar a informação implícita, fornecida pela imagem, do "bom gosto e elegância" que o locutor (ou anunciante) deseja passar como informação ao interlocutor (ou cliente).
- 4 Pode-se afirmar que o tema dos anúncios é "elegância e bom gosto", mas a tese é a necessidade de se "escolher bem quando nosso poder aquisitivo permite".
- 5 Implicitamente, podemos também perceber que o objeto visual pode ser utilizado como o "estética e mensagem" sem a necessidade do texto escrito, já que a própria foto sugere que o leitor "pense" ao escolher o seu perfume.

Resposta

28

Pois bem, como vimos em conteúdos anteriores, em todo processo de comunicação há uma mensagem, um emissor (ou **locutor**) e um receptor (ou **interlocutor**). Tanto na fala como na escrita podem aparecer um ou mais locutores e interlocutores. E como identificaremos o locutor e interlocutor?

Vejamos:

No diálogo, ou texto dialogal (ou seja, numa conversa, numa entrevista, num debate, *chat*, etc.), há duas (ou mais) instâncias que produzem o discurso e que interagem: aquilo que um interventor diz determina e é determinado pelo que lhe é dito pelo outro interventor.



No diálogo acima, identificamos quatro personagens (Elisa, Fábio, Ana e Arthur). São os **locutores**, certo? Mas observe que eles também são os **interlocutores**! Ou seja, num texto dialogal os locutores tornam-se interlocutores (observe que, no caso do diálogo, aparecem os travessões antes de suas falas, além de um se dirigir a outro pelo nome. No texto escrito, eles podem ser identificados à cabeça do texto, com seus nomes).

Dialogal é o texto e/ou enunciado feito a partir de um diálogo, ou seja, uma conversação estabelecida entre duas ou mais pessoas.

29

Bem, é fácil identificar o locutor e o interlocutor num texto dialogal escrito. Mas há diferenças na identificação de textos não-dialogais. Observe:



Olhe atentamente as fotos acima.

Então, quem é o **locutor** e quem é o **interlocutor**, neste caso?

Descobriremos isso da mesma forma que no anúncio do perfume masculino que vimos anteriormente. Por exemplo, *como nós identificamos o locutor e o interlocutor naquele anúncio?*

Pelas **pistas** oferecidas pela imagem chegamos ao interlocutor (cliente do sexo masculino) e, por sabermos que é um anúncio, sabemos que o locutor é o anunciante. E nestas fotos, também chegamos ao interlocutor quando fizemos o exercício (o público feminino e parte de público masculino). Foi simples, não foi?

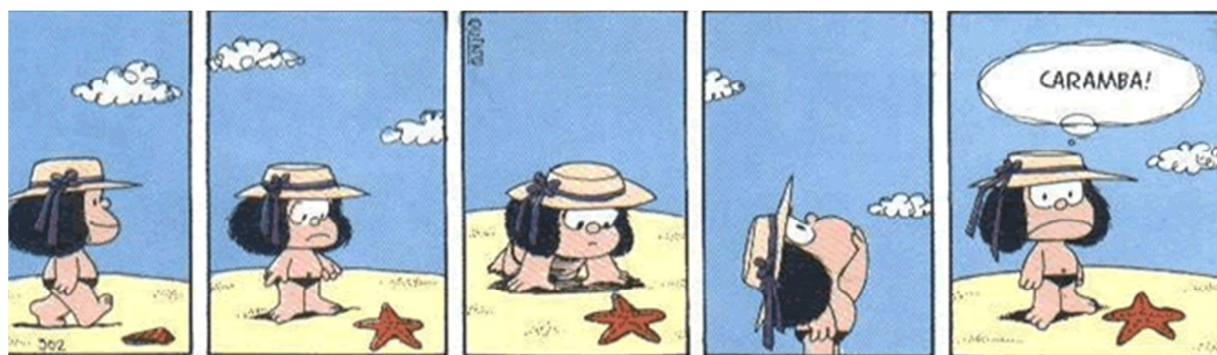
Mas para melhor chegarmos ao locutor (ou seja, o emissor da mensagem destas fotos), precisaríamos do apoio do texto, ou da mensagem do anunciante. O que não está presente nas fotos apresentadas. Neste caso, as fotos fazem parte de uma campanha da agência **Pixar Comunicação**, para a empresa **Guayí**, que produz peças feitas com sementes da Amazônia e pedras semipreciosas.

E será assim para vários tipos de texto, ou seja, em textos dominados por sequências descritivas ou narrativas ou instrucionais ou argumentativas, com ou sem texto escrito, o locutor é a instância que produz a enunciação, e o interlocutor é aquele a quem se dirige a enunciação.

O processo da linguagem pode ser visto como:



Bem, nesse processo, veremos que há diferenças e aproximações entre o que se fala (oral) e o que se escreve (escrito), e esta é uma questão que se liga ao caráter histórico da linguagem humana.



? Observe a tirinha acima, da Mafalda, e responda às seguintes questões:
Marque a(s) opção (ões) CORRETA (S).

- 1 A interpretação da tira pode ser diversa, dependendo do contexto do leitor, pois os elementos visuais presentes não fornecem tudo o que é necessário para compreender a mensagem do autor.
- 2 Mafalda fica "surpresa e chocada" quando imagina que a estrela do mar possa ter "caído do céu", e compreendemos essa idéia mesmo sem a necessidade de texto escrito: os elementos visuais presentes nas imagens dos 4 primeiros quadrinhos fornecem as pistas para se chegar a essa conclusão.
- 3 Os elementos e as composições diversificados do quadrinho são claros, mas para melhor direcionamento das mensagens, de forma a chegar ao objetivo do autor, seria interessante saber o que ela realmente pensou.

Resposta

Compreendemos, portanto, que a linguagem forma-se não apenas no falar, mas nas mensagens escritas, nos códigos e elementos visuais. Até mesmo os **espaços de silêncio** fazem parte da linguagem, e são produtores de sentido, por exemplo, quando falamos, as pausas e silêncios têm um significado, dão uma pista dos sentimentos e até mesmo de ideias que ficam subentendidas pelos interlocutores.

Também a intensidade e a altura da voz, ao pronunciar uma palavra ou frase, transmitem as intenções do falante. Da mesma forma, a velocidade com que se pronunciam as palavras, o riso, o choro, o cochicho exprimem emoções e dão expressividade aos diálogos. A expressão facial e os gestos que mãos, pernas, braços e todo o corpo realizam também são recursos utilizados para reforçar ideias, transmitir movimentos. Eles exprimem o estado psicológico das personagens ou dos interlocutores.

Isso quer dizer que a linguagem é um meio de interação entre indivíduos e até mesmo entre culturas, mas há **diferenças e aproximações** entre o que se fala e o que se escreve, de forma que os recursos para a construção da fala e os recursos para a construção do texto escrito possuem características próximas e diferenças.

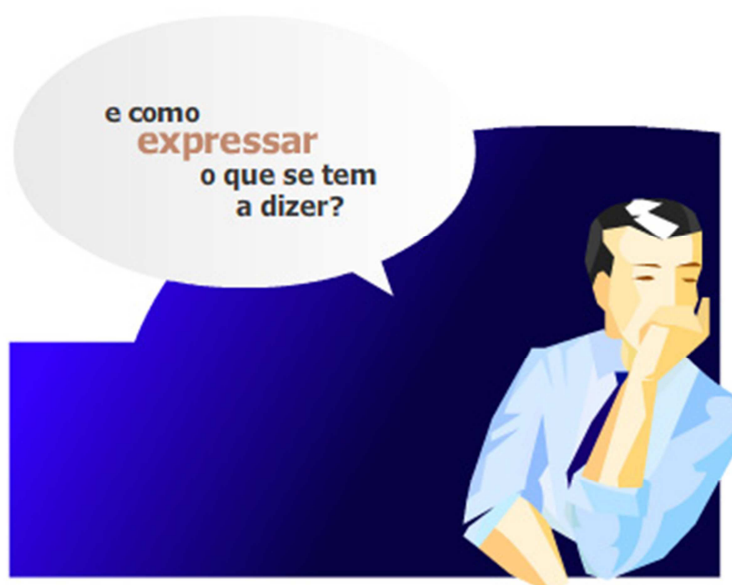
Os recursos citados também são chamados de **marcas de expressividade**.

31

2 - A INTERAÇÃO ENTRE O ORAL E O ESCRITO

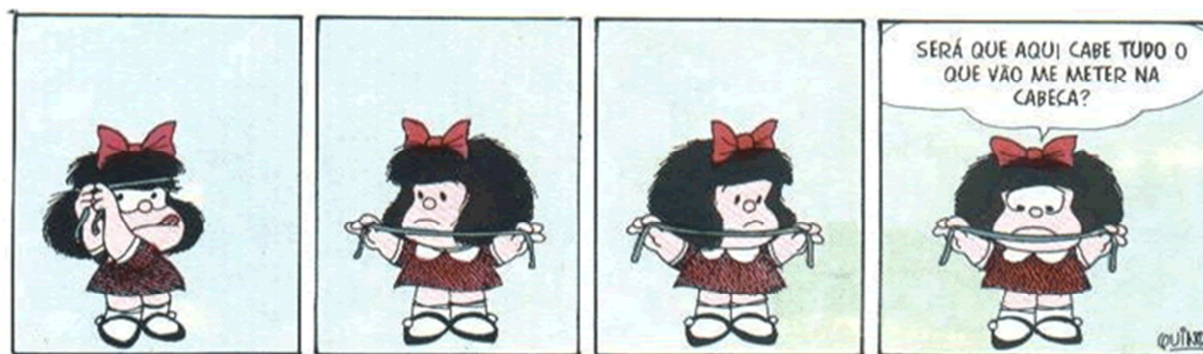
Compreendemos até este momento, portanto, que a linguagem forma-se não apenas no falar, mas também nos códigos e elementos visuais, que são produtores de sentido.

Já vimos também que no texto escrito esses recursos são utilizados de forma diversa da fala e das imagens: podem ser expressos por palavras, por ideias, por pontuações e recursos gramaticais e semânticos (de ideias) que transmitam a intenção do escritor, dependendo do tipo de texto.



Tanto ao falar, como ao escrever, temos diversas formas de discurso. É possível diferenciar áreas e opções, assim como gêneros discursivos (livro didático, cartilha, folheto, cartaz publicitário, sermão, anúncio, manual de instruções, bula...) e tipos textuais (dissertação, exposição, narração...).

Mas, antes de tudo, devemos lembrar de algo: uma criança, por exemplo, tem contato com a fala de seu **contexto**, ou seja, inicialmente a fala da própria família, ou de determinada comunidade. Esta forma de comunicação e linguagem é dada como natural, e ela aprende a falar. Este é o primeiro distanciamento da fala em relação à escrita: esta última é aprendida sistematicamente, e em geral é à escola que cabe esse papel.



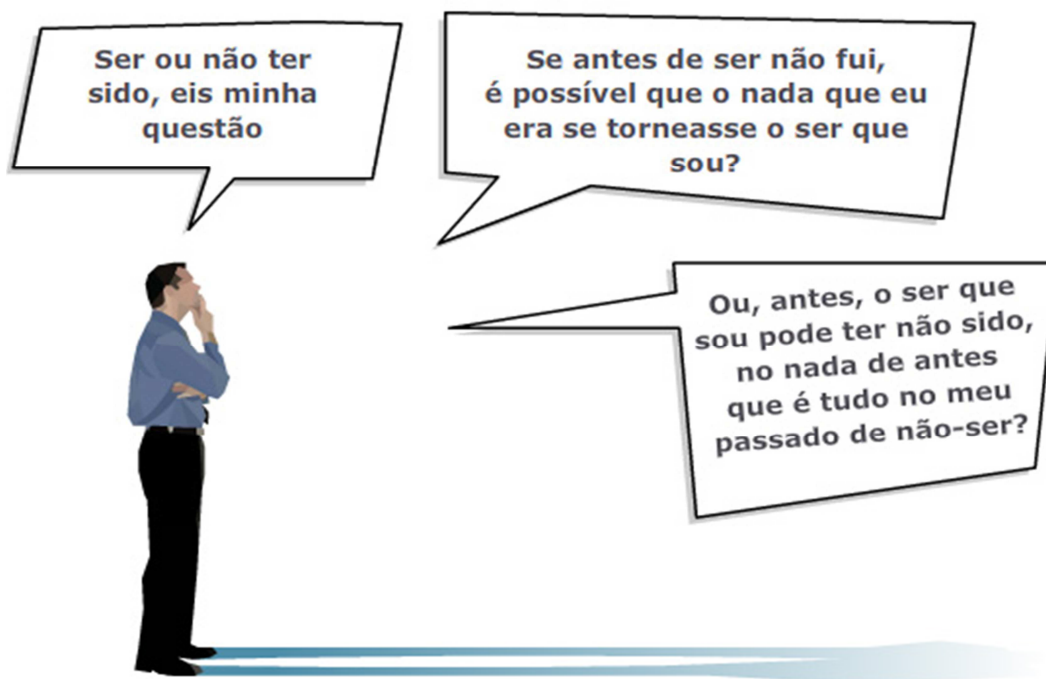
O comunicado, portanto, é essencial ao pensamento, à organização de ideias e é aprendido desde a infância, quando a criança se comunica ela interage com as pessoas com quem convive e aprende a falar.

Mais tarde, ela aprenderá as diferenciações das formas de discurso e os diversos recursos para se construir um pensamento, uma fala, ou um texto escrito, de forma a agir sobre os outros, ou seja, é um processo social.

Interagir é uma ação recíproca, uma forma de se relacionar com o outro; é promover representações com outros sobre o mundo. Quando falamos, nossa referência são as coisas do mundo e podemos presumir a multiplicidade das coisas por meio de conceitos que nossa língua põe à nossa disposição.

Ao construir a multiplicidade de conceitos, podemos **agir sobre os outros**, assim como os outros podem agir sobre nós. Para referir o mundo e nos entendermos, usamos necessariamente contextos. E podemos mostrar ou indicar as coisas. Também supomos a existência de um conhecimento compartilhado sobre o mundo, sobre valores e sobre possibilidades interpretativas.

Todos os tipos de texto possuem orientação social, ou seja, possuem interatividade. Até mesmo um monólogo, por exemplo, promove interação. O que significa que não se deve complicar o processo de escrita (ou escritura), esquecendo que, como a fala, a escrita está também orientada socialmente (mesmo quando se escreve para si mesmo, como nos "diários").



Assim, **textos** são produzidos a partir da fala, a partir do pensamento, ou a partir de discursos, e têm também uma orientação, uma finalidade. O caráter interacional é uma constante em todas as formas de linguagem. Assim, todo texto possui alguns pontos de indagação:

1. A quem se dirige o enunciado?
2. Como imaginar seu destinatário?
3. Que força ou influência pode ser exercida a partir deste enunciado?

É disso que depende a composição e, sobretudo, o estilo do enunciado, e que também caracteriza sua finalidade. Esse é o início de todo o processo da escrita.

Um monólogo é uma longa fala ou discurso pronunciado por uma única pessoa ou enunciador. Há dois tipos básicos de monólogos:

1. Monólogo exterior: Quando o ator (ou autor) fala para outra pessoa que não está no palco ou para a audiência ou leitor/receptor.
2. Monólogo interior: Quando o ator (ou autor) fala para si mesmo. É introspectivo e revela motivações interiores para a audiência.

33

Nos seus primórdios a escrita era utilizada para ser lida ou declamada por seus autores, apresentando-se como uma "fala escrita". Entretanto, hoje, não podemos afirmar que ela corresponde a uma fixação, **representação da língua falada**, como ainda se ouve frequentemente.

Ao contrário, a escrita tem uma nova caracterização. Podemos dizer, de forma geral, que fala e escrita se complementam e também aparecem de forma diversa: há textos que são predominantemente falados (alguns textos literários, por exemplo), outros que são predominantemente escritos (por exemplo portarias, leis, requerimentos formais).

E para penetrar no mundo da escrita, também devemos entender alguns conceitos e elementos constituintes já que a linguagem humana possui diversos fatores que intervêm no ato comunicativo.

34

3 - AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Dentre os elementos constituintes da comunicação, há o que chamamos “funções” da linguagem:

1. função referencial: ligada ao contexto, ao mundo;
2. função emotiva: ligada ao locutor ou remetente;
3. função apelativa: centrada no interlocutor ou destinatário;
4. função fática: centrada no contato ou canal;
5. função poética: centrada na mensagem;
6. função metalinguística: centrada no código.

A função referencial (ou denotativa) é centralizada no referente, quando o emissor procura oferecer informações da realidade. É objetiva, direta, denotativa, e nela prevalece a 3ª pessoa do singular. É a linguagem usada, por exemplo, nas notícias de jornal e livros científicos.

Exemplos:

"O homem letrado e a criança eletrônica não mais têm linguagem comum." (Rose-Marie Muraro)

"O discurso comporta duas partes, pois necessariamente importa indicar o assunto de que se trata, em seguida a demonstração. (...) A primeira destas operações é a exposição; a segunda, a prova." (Aristóteles)

A função emotiva (ou expressiva) é centralizada no emissor, revelando sua opinião, sua emoção. Nela prevalece a 1ª pessoa do singular, além de interjeições e exclamações. É a linguagem das biografias, memórias, poesias líricas e cartas de amor.

Exemplo: Observe a predominância da 1ª pessoa.

“Meu canto de morte
Guerreiros, ouvi.
Sou filho das selvas
Nas selvas cresci.
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.
Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante.
Guerreiros, nasci:
Sou bravo, forte,
Sou filho do Norte
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.”

Gonçalves Dias

A função apelativa (ou conativa) centraliza-se no receptor; o emissor procura influenciar o comportamento do receptor. Como o emissor se dirige ao receptor, é comum o uso de tu e você, ou o nome da pessoa, além dos vocativos e do imperativo. É a linguagem usada nos discursos, sermões e propagandas que se dirigem diretamente ao consumidor.

Exemplos:

SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO AOS PEIXES

Padre Antonio Vieira

* Pregado em S. Luís do Maranhão, três dias antes de se embarcar ocultamente para o Reino.

Vos estis sal terrae.

S. Mateus, V, 13.

I

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal! (Fragmento)

Agora veja dois exemplos na publicidade:

"Compre dois kits e concorra a um carro!"

"Antes de escolher seu Ford, visite uma concessionária."

A função fática é centralizada no canal, tendo como objetivo prolongar ou não o contato com o receptor, ou testar a eficiência do canal. Linguagem das falas telefônicas, saudações e similares.

Exemplo:

"Olá, como vai?"

Eu vou indo e você, tudo bem?

Tudo bem, eu vou indo pegar um lugar no futuro e você?

Tudo bem, eu vou indo em busca de um sono tranquilo...

Quem sabe... "

(Música de Paulinho da Viola)

A função poética é centralizada na mensagem, revelando recursos imaginativos criados pelo emissor. Afetiva, sugestiva, conotativa, ela é metafórica. Valorizam-se as palavras, suas combinações. É a linguagem figurada apresentada em obras literárias, letras de música, em algumas propagandas etc.

Exemplo:

O verbo no infinitivo

Ser criado, gerar-se, transformar
O amor em carne e a carne em amor; nascer
Respirar, e chorar, e adormecer
E se nutrir para poder chorar
Para poder nutrir-se; e despertar
Um dia à luz e ver, ao mundo e ouvir
E começar a amar e então ouvir
E então sorrir para poder chorar.
E crescer, e saber, e ser, e haver
E perder, e sofrer, e ter horror
De ser e amar, e se sentir maldito
E esquecer tudo ao vir um novo amor
E viver esse amor até morrer
E ir conjugar o verbo no infinito...

Vinícius de Moraes

A função metalinguística é centralizada no código, usando a linguagem para falar dela mesma. A poesia que fala da poesia, da sua função e do poeta, um texto que comenta outro texto. Principalmente os dicionários são repositórios de metalinguagem.

Poética

Que é poesia?
Uma ilha
cercada
de palavras
por todos os lados.
Que é um poeta?
Um homem
que trabalha um poema
com o suor do seu rosto.
Um homem
que tem fome
como qualquer outro
homem.

Cassiano Ricardo

Neste exemplo, observe que o autor utiliza a poesia para falar sobre “o que é a poesia”, “o ato de fazer poesia” e sobre o poeta como “fazedor da poesia”.

35

4 - AS RELAÇÕES DA MENSAGEM

Em um mesmo texto podem aparecer várias funções da linguagem. O importante é saber qual a função predominante no texto, para então defini-lo. É importante também reconhecer as relações da mensagem (*o que eu quero dizer?*) com o meio (canal), o locutor (emissor), o ouvinte ou interlocutor (receptor), o código e a referência (contexto, mundo), com o intuito de caracterizar o diálogo entre **oral** (fala) e **escrita**.

Para **identificar a linguagem predominante** do texto, pode-se recorrer aos recursos, palavras, expressões ou marcas utilizadas pelo autor e que caracterizam cada uma dessas linguagens, por exemplo:

1. se são valorizadas as **palavras** em suas diversas combinações, se a linguagem é centrada na mensagem, é **afetiva, sugestiva, conotativa**, ou seja **metafórica**, a linguagem predominante no texto é **poética**.
2. se for um texto **discursivo**, com a mensagem centralizada no receptor e há uso de **vocativo** ou **imperativo** (além do uso do tu e você), a linguagem predominante será **apelativa**.
3. se for centralizada no **referente**, é **objetiva, direta, denotativa** e há predomínio de 3ª pessoa do singular, ela é **referencial**.

Ou seja: é possível avaliar qual a função predominante a partir das **marcas expressivas** do texto.

36

As **relações da mensagem** podem se estabelecer de diversas formas.

1. Meio / mensagem

A **fala** é um evento que ocorre pela combinação do *vocal, do gestual, da fisionomia*. Já a **escrita** busca fixar um **evento**, ou seja, **inscrevê-lo**; é um trabalho que se dá no tempo. Assim, podemos dizer que é o **discurso** que surge numa forma gráfica, não simplesmente como gramática. Ao escrever, o locutor procura fixar a relação entre o **acontecimento** e a **significação que ele traz**, ou seja, na forma inscrita (ou fixada) já se percebe o acontecimento e sua significação.

Assim, identificamos, na fala e na escrita, vários níveis, por exemplo:

- a) gramatical: nele existem certos padrões, regras (por exemplo, cada língua – o português, o francês, o alemão etc. – possui seus padrões e regras);
- b) expressivo: o nível em que o locutor exterioriza ou exprime na enunciação: o locutor expressa desejo, admiração, pedido, ordem, surpresa, agressividade, declaração;
- c) reativo: que corresponde ao tipo de reação que o locutor pode provocar no seu interlocutor, explicitamente ou não, por desejar ou por ser possível descobrir subentendidos, ou seja, coisas que não são diretamente ditas mas que o interlocutor pode legitimamente entender (por exemplo: concordância, discordância, impotência, reflexão, raiva, ansiedade, perplexidade, ameaça. Como: *ele me ameaçou, me chamou de tolo, quer me fazer mudar de ideia,...*).

É claro que este terceiro nível, que diz respeito a reações ao que é **inscrito**, é muito menos fácil de controlar, menos explícito na escrita que na fala (ocorre mais espontaneamente na fala), quando os sujeitos estão próximos e compreendem o que está subentendido.

Salientamos que a escrita não faz simplesmente fixar algo como se fosse uma "fotografia" (lembramos que, aliás, as fotografias também são feitas escolhendo-se ângulos, perspectivas, de modo a criar certos efeitos). Assim, o discurso fixado (escrito) é afetado na sua **função comunicativa (dialógica/interativa)**. Neste caso, podemos dizer que a escrita "toma o lugar da fala", ou seja, ela é inscrita sem a intermediação da fala.

2. Mensagem / locutor

Esta relação é muito alterada na escrita, uma vez que a de diálogo não ocorre imediatamente. É por isto que se incorre em erro acreditando que a leitura, em relação à escrita, seja apenas um caso particular da relação fala / audição (ou ainda, que o processo da **compreensão na leitura** seja idêntico ao da **compreensão da fala**.), mas não é. A compreensão na fala ocorre imediatamente ao diálogo, a compreensão na escrita é mais complexa, envolvendo decifrações implícitas.

Na verdade ler e ouvir/ falar e escrever/ compreender a leitura e compreender o que é falado são processos diferentes. Na fala, por ser esta imediata, a própria "intenção" se aproxima da situação – ou seja, é semelhante entender o que o locutor **pretende** com o seu dizer e o que o seu discurso **significa**. Na escrita, a intenção se dissocia da significação. Muitas vezes o autor utiliza recursos e significados distintos para construir seu texto e estabelecer tais relações.

3. Mensagem / ouvinte

Na maior parte das vezes o texto escrito é dirigido a um leitor desconhecido: alguém que saiba ler. A leitura, pois, é um fenômeno de altas implicações sociais, obedecendo a certos padrões e sofrendo

também limitações. De fato, uma obra **cria** o seu próprio público – e, inversamente, o autor também estuda e escolhe o público para sua obra (é isto que cria, talvez, o *best-seller*).

Em princípio, porém, reconhecer a obra (pelo interlocutor, ou leitor) é um evento imprevisível. É a autonomia semântica (ou seja, autonomia de significados) do texto escrito que permite a imensa gama de leitores possíveis; por outro lado, esses leitores reagem, respondem ao texto de alguma forma, e isto é indispensável para dar-lhe plena significação (e é assim que se manifesta a dialogicidade do escrito: pela inevitável multiplicidade de interpretações pelos seus leitores).

37

4. Mensagem / código

Aqui, mostra-se que esta relação diz respeito à escrita vinculada à função dos **gêneros**, e se refere especialmente aos gêneros em literatura, ou seja, de modo mais geral à literatura como **discurso**.

Pergunta-se, então, se gêneros literários são códigos de escrita. A resposta é que são, mas de um modo indireto. É que uma obra literária tem leis próprias de composição, as quais são **indiferentes** à oposição fala / escrita (note-se que a **obra literária** é, por sua própria natureza, **escrita**): muito mais que no cotidiano, portanto, a linguagem é submetida a um trabalho artesanal.

Desde a antiguidade, os **gêneros literários** são conhecidos e geralmente divididos em **narrativo**, **lírico** e **dramático**. As modalidades literárias são influenciadas pelas personagens, pelo espaço e pelo tempo e os gêneros podem ser não ficcionais ou ficcionais. Os não ficcionais representam fielmente a realidade, e os ficcionais inventam um mundo onde os acontecimentos ocorrem coerentemente com o que se passa no enredo da história.

Gênero narrativo

O gênero narrativo (também conhecido como gênero épico) narra uma história, e assim o faz de diversas formas. As narrativas utilizam-se de diferentes linguagens: a verbal (oral ou escrita), a visual (por meio da imagem), a gestual (por meio de gestos) etc. Exemplos de gênero narrativo: Romance, fábula, epopeia ou épico, novela, conto, crônica, ensaio.

Gênero lírico

Esse gênero se preocupa principalmente com o mundo interior de quem escreve o poema, o **eu-lírico**. Os acontecimentos exteriores funcionam como estímulo para o poeta escrever. A importância da palavra no poema é tão relevante que é possível aproveitar toda a riqueza fonética, morfológica e sintática da língua e, por meio dela, constroem-se várias maneiras de provocar sensações no íntimo do leitor.

É na maioria das vezes expresso pela poesia. Entretanto é de grande importância realçar que nem toda poesia pertence ao gênero lírico (o haikai e o hino, por exemplo).

Gênero dramático

É composto de textos que foram escritos para serem encenados em forma de **peça de teatro**. Para o texto dramático se tornar uma peça, ele deve primeiro ser transformado em um roteiro, para depois poder ser transformado em um texto do gênero espetacular.

É difícil ter definição de texto dramático que o diferencie dos demais gêneros textuais, já que existe uma tendência atual em teatralizar qualquer tipo de texto. No entanto, a principal característica do gênero dramático é a presença do chamado texto principal, composto pela parte que deve ser dita pelos atores na peça e aquele induzido pelas indicações cênicas (também chamado texto secundário) e que, muitas vezes, informa os atores e o leitor sobre a dinâmica do texto principal. Por exemplo, antes da fala de um personagem é colocada a expressão: «com voz baixa», indicando como o trecho deve ser falado.

Já que não existe narrador nesse tipo de texto, o drama é dividido entre as duas personagens locutoras, que entram em cena pela citação de seus nomes. Atualmente, "classifica-se de drama toda peça teatral caracterizada por seriedade, ou solenidade, em oposição à comédia propriamente dita".

Subclassificações dos gêneros:

Elegia – texto de exaltação à morte de alguém, sendo que a morte é elevada como o ponto máximo do texto. Um bom exemplo é a grande peça *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare.

Epitalâmia – texto relativo às noites nupciais líricas, ou seja, noites românticas com poemas e cantigas. Um bom exemplo de epitalâmia é a peça *Romeu e Julieta nas noites nupciais*.

Sátira – texto de caráter ridicularizador, podendo ser também uma crítica indireta a algum fato ou a alguém. Uma piada é um bom exemplo de sátira.

Farsa – texto em que os personagens principais podem ser duas ou mais pessoas diferentes e não serem reconhecidos pelos feitos dessa pessoa. Gil Vicente, dramaturgo português, escreveu a farsa *Quem tem Farelos?*, a *Farsa de Inês Pereira* e a *Farsa do velho da horta*, entre outras.

Os gêneros são **regras técnicas** que presidem à produção das obras, e o **estilo** da obra é a configuração individual de um produto singular, ou seja, é o resultado da capacidade de expressão criativa do autor. Assim, o autor não é apenas locutor: é o **fazedor** da obra. Ao mesmo tempo, como matéria trabalhada, a obra se transforma num objeto autossuficiente (tem **autonomia semântica**, ou seja, **autonomia de significados**), podendo receber múltiplas leituras. Há, portanto, uma **inscrição** e uma **textura própria**. "Texto significa discurso como inscrito e trabalhado".

5. Mensagem / referência

A referência diz respeito ao mundo que é referido ou a que se remete na construção do texto. Neste processo, pode-se dizer que uma língua permite exteriorizar as referências dirigidas a entidades extralinguísticas (ou seja, *falamos de / escrevemos a respeito de*).

Na fala, o critério último de alcance referencial é a possibilidade de mostrar a coisa referida (apontando a coisa ou indicando-a: *isto, este, lá, aqui,...*), ou se pode descrever (fazer "descrições definidas"), singularizando de tal modo que a referência não seja ambígua (Ex.: *O cachorrinho branco de pelos longos sentado na escada do prédio em frente*).

De qualquer forma, na **fala** as referências estão **ancoradas** na situação de interlocução (**diálogo/conversa**). É isto que desaparece na escrita. Uma vez que se cria distância espacial e temporal, e que não há uma referência absoluta para a pessoa, num **aqui** e **agora**; e considerando que no texto escrito predomina a autonomia semântica, é diferente realizar a **identificação**(descrevendo) e a **mostração** (apontando).

Adaptação de texto de Maria Marta Furlanetto, disponível em http://br.geocities.com/agatha_7031/oral.html. Consulta em março/2008.

38

Vamos pensar um pouco mais. O que representa toda essa gama de informações, de formas diferentes de linguagem, e de relações entre a fala, a escrita, a mensagem, os meios e os códigos que utilizamos no dia a dia?



Já que são tantas informações se processando ao mesmo tempo, no pensamento, na fala e nas relações sociais, no processo de mensagem e linguagem, os quais necessitam tanto da interpretação dos textos quanto de “reescritura” destes, muita gente pode pensar que isso é uma grande limitação para o

homem, não é mesmo?

Mas esse é um pensamento equivocado! Todas essas relações linguísticas permitem que o homem tenha à sua disposição um mundo e não apenas uma situação. Em outras palavras: o texto, abrindo um conjunto de referências, dá **acesso ao mundo**. Ou melhor: o alcance do texto escrito é indefinidamente maior que o da fala. Por isto pode-se dizer que a escrita "abre horizontes insuspeitados". O discurso **projeta** um mundo.

Por meio da leitura, que é complementar à escrita, é possível fazer **seu** o que é do **outro** – ou seja, estabelecer a **interação** produtiva e de significações. E todas as relações entre o **eu** e o **outro** e **entre este** e a **busca** e **compreensão** do desconhecido correspondem a um conflito produtivo. Ou seja: o homem só se descobre e se supera junto aos outros, nas relações com os outros: quando fala, quando se expressa, quando interage com outros e é capaz de dizer o que pensa, sente ou deseja.

39

5 - DIFERENCIANDO DIÁLOGO E MONÓLOGO

Leia os textos e responda à questão

Tenho que interromper para dizer que "X" é o que existe dentro de mim. "X" - eu me banho neste isto. É impronunciável. Tudo que não sei está em "X". A morte? a morte é "X". Mas muita vida também, pois a vida é impronunciável. "X" que estremece em mim e tenho medo de seu diapasão: vibra como uma corda de violoncelo, corda tensa que quando é tangida emite eletricidade pura, sem melodia. O instante é impronunciável. Uma sensibilidade outra é que se apercebe de "X".

Espero que você viva "X" para experimentar a espécie de sono criador que se espreguiça através das veias. "X" não é bom nem ruim. Sempre independe. Mas só acontece para o que tem corpo. Embora imaterial, precisa do corpo nosso e do corpo da coisa. Há objetos que são esse mistério total do "X". Como o que vibra mudo. Os instantes são estilhaços de "x" espocando sem parar. O excesso de mim chega a doer. E quando estou excessiva tenho que dar de mim. Como o leite que se não fluir rebenta o seio. Livro-me da pressão e volto ao tamanho natural.

Sócrates: (Falando a Mênon) — Examina, agora, o que em seguida a estas dúvidas ele irá descobrir, procurando comigo. Só lhe farei perguntas; não lhe ensinarei nada! Observa bem se o que faço é ensinar e transmitir conhecimentos, ou apenas perguntar-lhe o que sabe. (E, ao escravo): — Responde-me: não é esta a figura de nosso quadrado cuja área mede quatro pés quadrados?

Escravo: — É.

Sócrates: — A este quadrado não poderemos acrescentar este outro, igual?

Escravo: — Podemos.

Sócrates: — Que múltiplo do primeiro quadrado é a grande figura inteira?

Escravo: — O quádruplo.

Sócrates: — E devíamos obter o dobro, recordaste? Escravo: - Sim.

Sócrates: — E esta linha traçada de um vértice a outro da cada um dos quadrados interiores não divide ao meio a área de cada um deles?

Escravo: — Divide.

Sócrates: — E não temos assim quatro linhas que constituem uma figura interior?

Escravo: — Exatamente!

<p>A elasticidade exata. Elasticidade de uma pantera macia.</p> <p>Fragmento de Água-Viva, Clarice Lispector</p>	<p>Sócrates: — Repara, agora: qual é a área desta figura?</p> <p>Escravo: — Não sei.</p> <p>Sócrates: — Vê: dissemos que cada linha nestes quatro quadrados dividia cada um pela metade, não dissemos?</p> <p>Escravo: — Sim, dissemos.</p> <p>Sócrates: — Bem; então quantas metades temos aqui?</p> <p>Escravo: — Quatro.</p> <p>Sócrates: — E aqui?</p> <p>Escravo: — Duas.</p> <p>Sócrates: — E em que relação aquelas quatro estão para estas duas?</p> <p>Escravo: — O dobro.</p> <p>Sócrates: — Logo, quantos pés quadrados mede esta superfície?</p> <p>Escravo: — Oito.</p> <p>Sócrates: — E qual é seu lado?</p> <p>Escravo: — Esta linha.</p> <p>Sócrates: — A linha traçada no quadrado de quatro pés quadrados, de um vértice a outro?</p> <p>Escravo: — Sim.</p> <p>Sócrates: — Os sofistas dão a esta linha o nome de diagonal e, por isso, usando esse nome, podemos dizer que a diagonal é o lado de um quadrado de área dupla, exatamente como tu, ó escravo de Mênon, o afirmaste.</p> <p>Escravo: — Exatamente, Sócrates!</p> <p>Fragmento de Diálogos de Platão, Mênon</p>
---	--

Imagine que os trechos acima são “apresentados” diante de você, como num teatro. O que você percebe a partir da leitura deles?



Julgue cada afirmativa como **Verdadeira** ou **Falsa**, arrastando os números para as caixas correspondentes.

01

02

03

04

05

Suas respostas



verdadeira



falsa

Suas respostas

E que conclusões podemos tirar das questões vistas até aqui? Primeiro, que a linguagem oral pode ser apresentada sob a forma de **diálogo** e **monólogo**.

E também que a **linguagem coloquial** pode apresentar-se sob a forma de perguntas e respostas ou sob a forma de conversação. O **diálogo** pode ser uma narrativa de episódios, um acontecimento, ou uma análise de diferentes visões de mundo, por exemplo. O **monólogo**, por sua vez, pode ser uma narrativa ou um simples relato, o qual pode ter a forma de um acontecimento determinado ou de análise do acontecimento, das relações lógicas ou causais aí implicadas, pode ser uma autorreflexão, digamos, com o propósito de estabelecer uma “conversa”, mesmo que seja uma conversa consigo mesmo.



O **diálogo** apresenta uma estrutura gramatical específica, e em geral, o **motivo** que leva à alocução não está incluído no projeto interior do sujeito que responde, mas na pergunta do primeiro, e a resposta parte da pergunta formulada. Ou seja, todo o processo se divide entre duas ou mais pessoas, diferentemente do que acontece no **monólogo**.

Duas outras características do **diálogo** são: o reconhecimento prévio entre os locutores e o próprio conhecimento da situação (identificação do outro e da possibilidade de diálogo). A inclusão de elementos não verbais também especifica o coloquial: mímica, gestos, entonação, pausas.

No **monólogo** a narrativa sobre um acontecimento ou raciocínio pressupõe a existência tanto de um motivo como de um projeto ou ideia geral. A alocução desdobrada se compõe de ideias relacionadas

entre si e que vão sendo “desdobradas” em uma estrutura fechada, como uma conversa interior.

As duas formas, entretanto, possuem características que se aproximam, além dos meios de codificação verbais, como uma série de elementos expressivos complementares ou "marcadores" (prosódicos, mímica e gestos expressivos), que pontuam diferentemente recursos sintáticos que podem ser semelhantes ou idênticos.

Alocução é qualquer ato de fala pelo qual um falante se dirige a outro.

41

E na **linguagem escrita**, que marcas podem ser diferenciadas? Vejamos.

Leia os fragmentos abaixo.

Nasci dura, heroica, solitária e em pé. E encontrei meu contraponto na paisagem sem pitoresco e sem beleza. A feiura é o meu estandarte de guerra. Eu amo o feio com um amor de igual para igual. E desafio a morte. **Eu — eu sou a minha própria morte.** E ninguém vai mais longe. O que há de bárbaro em mim procura o bárbaro e cruel fora de mim. **Vejo em claros e escuros os rostos das pessoas que vacilam às chamas da fogueira. Sou uma árvore que arde com duro prazer.** Só uma doçura me possui: a convivência com o mundo. **Eu amo a minha cruz, a que doloridamente carrego.** É o mínimo que posso fazer de minha vida: aceitar comiseravelmente o sacrifício da noite.

Se tudo existe é porque sou. **Mas por que esse mal estar?** É porque não estou vivendo do único modo que existe para cada um de se viver e nem sei qual é. Desconfortável. Não me sinto bem. Não sei o que é que há. Mas alguma coisa está errada e dá mal estar. No entanto estou sendo franca e meu jogo é limpo. Abro o jogo. Só não conto os fatos de minha vida: sou secreta por natureza. **O que há então?** Só sei que não quero a impostura. Recuso-me. **Eu me aprofundei mas não acredito em mim porque meu pensamento é inventado.**

Fragmentos de Clarice Lispector (Doçura)

Agora observe algumas marcas de linguagem interessantes nestes fragmentos da Clarice Lispector:

1. Há muitas **figuras de linguagem**, usadas para dar um caráter psicológico-imagético ao texto, concorda?
2. Há **perguntas e respostas**, o que significa um processo interno de questionamentos para chegar à expressão de seu próprio sentimento.
3. Há elementos de **contraposição** (ou de **negação**) de ideias para compor um caráter de franqueza quanto à própria incapacidade de compreender-se.
4. Há uma **pontuação** fragmentada, narrativa pausada, para compor a **emoção** da personagem-locutora.
5. Há **metalinguagem** (*não acredito em mim porque meu pensamento é inventado*), recurso utilizado

para ampliar a própria dificuldade da personagem diante da linguagem.

6. Independente do tom poético, os traços psicológicos da personagem são fortemente marcados pela **construção sintática e semântica** do monólogo, não é mesmo?

42

E você já percebeu que nos textos escritos, muitos recursos podem ressaltar aspectos, esconder outros, expressar emoções diversas e até mesmo influenciar o estado e a reflexão do leitor/interlocutor?

? Pois bem, pense um pouco sobre os textos que você já leu até este momento, e as impressões que estes causaram em você. Assinale os pontos que você considera **verdadeiros** com relação ao texto escrito.

- 1 Na escrita (comunicações, relatos, narrativas, raciocínios) as marcas de expressão diferem do monólogo oral e do diálogo (sob o ponto de vista psicológico, em primeiro lugar). O monólogo no teatro possui um interlocutor (o espectador) e o monólogo escrito é uma linguagem sem interlocutor (no sentido do face a face): seu motivo e projeto inicial são determinados pelo próprio sujeito redator.
- 2 No monólogo escrito, o próprio sujeito que escreve é quem controla as emoções, a mensagem, ou seja, o autor (locutor) escreve para tornar mais exatos seus próprios pensamentos, para desenvolvê-los, para expressá-los, podendo mesmo colocar questões e respondê-las, conforme queira.
- 3 A escrita é feita por procedimentos gráficos, tanto pela separação de partes do texto com a pontuação ou por meio de parágrafos, como pelo uso de pausas ou traços que “marquem” mudanças no fluxo de pensamento. Na fala, essa característica pode ser “lida” pela entonação de voz, pela postura, pelas emoções expressivas e gestuais.
- 4 Na linguagem escrita, pode-se criar imagens, mudanças de tempo/espço e expressões psicológicas por meio do uso de recursos gramaticais. Na linguagem oral recursos gramaticais são menos importantes, embora o conhecimento destes influenciem a fala.

Resposta

43

A escrita aparece como resultado de uma aprendizagem especial, que exige o domínio consciente dos meios de expressão da língua e da gramática. A escrita, portanto, com todos os seus artifícios e possibilidades, influencia a linguagem falada todo o tempo, enriquecendo-a, transformando-a.

Uma criança que aprende a escrever terá mais instrumentos para sua expressão do que se ficasse restrita apenas à ideia e à fala. E mais: à medida que “treinamos a escrita”, tornamo-nos mais aptos a refletir, a expressar melhor nossas ideias. E este processo vai se tornando automático, quase inconsciente: passamos a escrever com facilidade e clareza!

Embora a linguagem escrita diferencie-se da linguagem oral, os meios de sua expressão podem enriquecer a fala e a comunicação em sua característica fundamental.

A escrita contém níveis diferenciáveis, ausentes na linguagem oral (seleção de palavras; operações conscientes de nível sintático; combinações frasais semânticas e linguísticas etc.). Ela diferencia-se, pois, radicalmente da linguagem oral ao se constituir conforme as regras da gramática desdobrada, indispensável para tornar o conteúdo inteligível.

Tudo isso faz da linguagem escrita um poderoso instrumento para precisar e elaborar o processo de pensamento, o que é essencial em toda a comunicação humana.

44

RESUMO

O caráter interacional é uma constante em todas as formas de linguagem. Até mesmo a simples visualização de determinada imagem ou mesmo um monólogo, por exemplo, promovem interação.

A linguagem oral pode ser apresentada sob a forma de **diálogo** e **monólogo**.

Tanto no diálogo, como no monólogo há duas (pelo menos) instâncias que produzem o discurso e que interagem: o locutor e o interlocutor. No caso do diálogo, os locutores tornam-se automaticamente interlocutores.

Nos vários tipos de discurso, ou seja, em textos dominados por sequências descritivas ou narrativas ou instrucionais ou argumentativas, com ou sem texto escrito (ou seja, oral ou escrito), o locutor é a instância que produz a enunciação, e o interlocutor é aquele a quem se dirige a enunciação e estes podem ser identificados por marcas linguísticas.

A linguagem forma-se não apenas no falar, mas também nas mensagens escritas, nos códigos e elementos visuais, e muitos elementos auxiliam para a construção daquilo que o locutor ou interlocutor quer expressar. Até mesmo os **espaços de silêncio** fazem parte da linguagem, e são produtores de sentido, por exemplo, quando falamos, as pausas e silêncios têm um significado, dão uma pista dos sentimentos e até mesmo de ideias que ficam subentendidas pelos interlocutores.

Assim, vários são os recursos e marcas que transmitem as intenções do falante, exprimem emoções e dão expressividade. Nos diálogos, por exemplo, a expressão facial e os gestos das mãos, pernas, braços e todo o corpo também são recursos utilizados para reforçar ideias, transmitir movimentos. Eles exprimem o estado psicológico das personagens ou dos interlocutores.

No texto escrito essas marcas são identificadas tanto na mensagem (semântica) quanto na forma (sintaxe e gramática). A escrita possibilita a seleção de palavras, operações conscientes de nível sintático, combinações frasais semânticas e linguísticas, diferenciadas do texto oral.

Em todo texto, também reconhecemos as relações da mensagem com o meio (canal), o locutor (emissor), o ouvinte ou interlocutor (receptor), o código e a referência (contexto, mundo), com o intuito de caracterizar o diálogo entre **oral** (fala) e **escrito**. Podemos identificar as várias funções da linguagem (função referencial, função emotiva, função apelativa, função fática, função poética, função metalinguística) tomando por base elementos que estão presentes no texto.

Para identificar a linguagem predominante do texto, pode-se recorrer aos **recursos**, **palavras**, **expressões** ou **marcas** utilizadas pelo autor e que caracterizam cada uma dessas linguagens.

Tanto a expressão escrita quanto a expressão oral são importantes em seus usos, sobretudo na comunicação humana, considerando-se seu papel na cultura, o qual é estabelecer a interação entre os indivíduos.

Cada uma dessas atividades (fala e escrita) tem natureza diferente e processamento específico, embora algumas similaridades. A escrita não é apenas o registro gráfico do que se fala, mas um processo dinâmico que possui aproximações e diferenças com esta última.